

letra

o jornal do alfabetizador



ISSN 1808-0650



Belo Horizonte, junho/julho de 2008 - Ano 4 - EDIÇÃO ESPECIAL

Provinha Brasil em debate:

Conheça a proposta pedagógica e as possibilidades desse novo instrumento de avaliação da alfabetização

BRASIL



Reflexões sobre a Provinha Brasil



JOSE FRANCISCO SOARES - doutor em Educação e coordenador do Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais (Gama) da FAE/UFMG

A sociedade brasileira espera que os alunos das escolas de educação básica adquiram, em seu período de escolarização, competências cognitivas, sociais e éticas, e que incorporem as expressões de nossa cultura. Enquanto várias outras estruturas, principalmente a família, ajudam na concretização desse amplo projeto educacional, a aquisição de competências cognitivas é função a ser desempenhada basicamente pela escola.

Para isso, a boa escola desenvolve um projeto pedagógico onde registra o currículo adotado e as práticas pedagógicas que serão usadas para sua implementação.

Entre as várias decisões tomadas durante a sua construção, inclui-se a que descreve como os alunos serão avaliados. Todo aluno tem o direito de ser avaliado, pois essa é a única maneira que suas dificuldades individuais de aprendizado podem ser conhecidas e enfrentadas.

Entre tantas competências cognitivas a serem adquiridas, destaca-se a da leitura, a mãe de todas as competências, já que, sem ela, não é possível adquirir as outras. Naturalmente, a primeira etapa de aquisição da competência leitora é a alfabetização. Como a alfabetização é momento tão crucial na vida escolar de uma criança, a avaliação de cada aluno nesta etapa deve ser parte fundamental da rotina do ensino.

A *Provinha Brasil* tem assim várias finalidades. A mais importante é reafirmar a necessidade do monitoramento

frequente dos alunos no início do ensino fundamental. Mas trata-se também de um instrumento cuidadosamente desenvolvido pelos melhores especialistas do Brasil e criteriosamente testado. Assim sendo, seus resultados, principalmente a alocação do aluno a um dos níveis de aprendizado, são particularmente úteis.

A *Provinha Brasil* foi criada para ajudar no aprendizado dos alunos e não deve servir a fins pouco nobres como selecionar alunos, turmas ou escolas para premiação. Se aos oito anos um aluno está lendo no nível adequado, ele teve sucesso escolar, que será ainda mais relevante se todos os seus colegas de turma estiverem na mesma situação.

PAULA STELLA - coordenadora pedagógica do Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária (Cedac), sediado em São Paulo (SP)



Entendemos que a *Provinha Brasil* consiste em uma valiosa iniciativa do Ministério da Educação, voltada para o aprimoramento da qualidade da educação, oferecida aos estudantes brasileiros. A idéia de realizar um diagnóstico da alfabetização revela a intenção de oferecer condições para que se possam evitar as indesejáveis consequências trazidas pela distorção idade-série.

Seu principal mérito nos parece ser o fato de que a avaliação dos saberes dos estudantes é vista como um subsídio para o planejamento do ensino, de modo a atender às reais necessidades dos alunos, identificadas por meio da análise dos resultados obtidos. Por isso, é importante que os docentes participem desse processo e se responsabilizem pela aplicação e correção da prova.

Da mesma forma, o envolvimento de gestores e outros profissionais (como os coordenadores pedagógicos ou supervisores, por exemplo) em torno das discussões e decisões coletivas, é algo que nos parece ser potencialmente produtivo.

Outra qualidade que ressaltamos relaciona-se com a possibilidade de que a *Provinha Brasil* crie oportunidades para que o processo de formação continuada de professores seja alimentado ou inaugurado. Além de estimular nos educadores a reflexão em torno da prática pedagógica, as discussões e análises dos resultados realizados nas escolas podem ser um subsídio para que gestores municipais e escolares invistam na continuidade de formação dos professores.

Por fim, mencionamos outro aspecto positivo: o fato de que, no documento *Provinha Brasil - Reflexões sobre a prática*, são oferecidas aos professores e gestores orientações referentes ao que fazer após a análise dos resultados. Desse modo, como fica claro pela leitura dos materiais que compõem o *kit Provinha Brasil*, a realização da avaliação tem o potencial de desencadear relevantes processos no interior da escola e da rede de ensino, capazes de culminar em uma melhoria da educação, articulando o ensino às possibilidades de aprendizado dos alunos.

Provas e provinhas doem, classificam e segregam coletivos sociais. As críticas às avaliações massivas estão crescendo. Nos limites deste texto, aponto alguns.

Provas e provinhas não são processos técnicos, nem medidas quantitativas neutras, envolvem concepções de educação. A LDB avançou na concepção do direito à educação como formação e desenvolvimento plenos dos educandos. Coletivos de educadores(as) vêm trabalhando essa concepção ampliada. As provas restringem esta visão privilegiando apenas o domínio de algumas competências. Induzem as escolas a abandonar a preocupação

com a formação plena dos educandos e a ensinar apenas o que cairá nas provas oficiais. O direito da infância à educação sai

empobrecido. Impõe-se uma visão pragmática: domínio de competências, proficiências...

Os efeitos das provas e provinhas Brasil são inseparáveis do uso que fazem delas o MEC, a mídia e as secretarias de educação. Ingênuo pensar que os resultados servirão apenas para melhor diagnosticar e intervir nos processos de aprendizagem. Estão servindo para classificar e segregar. O que é inerente às justificativas: avaliar desempenhos, domínios, sucessos, proficiências, índices. Há uma intenção política: confrontar coletivos para melhorar a qualidade.

Vinhamos lutando contra a cultura da reprovação e da classificação, por ser antipedagógica. Agora, essa cultura sai da sala de aula e vira cultura nacional reforçada pelo MEC. Por aí se reforça e legitima nossa cultura política e pedagógica segregadora, classificatória. Tempos de recuo político?

Há um agravante: as provas nas escolas segregavam alunos, indivíduos, as provas e provinhas Brasil segregam famílias, comunidades, escolas, municípios, coletivos do campo, favelados, indígenas, pobres. Os classificam com baixo índice de desenvolvimento educacional. Os submetem a estereótipos pejorativos. Os mesmos segregados com baixo IDH. Não estamos reforçando velhos padrões de classificação sócio-étnico-raciais-territoriais? Por aí, avançamos na inclusão da diversidade e das desigualdades?

As provas Brasil submetem os desiguais a medidas iguais e a classificações que os segregam como desiguais, na contramão dos movimentos sociais e da afirmação de identidades e direitos coletivos. Na contramão da ação de tantos educadores(as) que vêm articulando processos de aprendizagem e diversidade de processos de socialização, de contextos de vida, de culturas. Tantos ganhos perdidos?

É pedagógico ficar passivos? Cabe neutralidade nesse jogo ético-político?



MIGUEL GONZÁLEZ ARROYO - doutor em Educação professor titular emérito da Faculdade de Educação da UFMG



Habilidades em foco

Base de uma avaliação diagnóstica, a *matriz de referência* auxilia na compreensão das capacidades essenciais da alfabetização (FRÁVIA MORAES)

MATRIZ DE REFERÊNCIA X MATRIZ DE ENSINO

Uma matriz de ensino considera todas as competências trabalhadas em sala de aula, desde a leitura e a escrita até a oralidade. Já as matrizes de referência, utilizadas em avaliações, são mais restritas. "Tudo o que tem numa matriz de prova está contido na matriz de ensino, ou seja, esta é muito mais ampla que a de prova", explica a pesquisadora Gladys Rocha.

Na composição de uma matriz de referência, dentre todas as competências incluídas em um currículo escolar, são selecionadas apenas algumas, passíveis de serem medidas nas condições em que a avaliação é realizada. No caso da *Provinha Brasil*, essa seleção teve como foco alunos do segundo ano do ensino fundamental, fase inicial de aprendizagem e desenvolvimento da alfabetização e do letramento.

"A avaliação permite medir algumas capacidades, mas não todas as habilidades que o aluno vai desenvolvendo ao longo da escolaridade", afirma Delaine Cafiero. Entretanto, ao contemplar apenas algumas habilidades, a matriz de referência da *Provinha* não pode ser vista como limitadora, já que não é utilizada para ser utilizada como matriz de ensino. O cotidiano das salas de aulas, portanto, não pode ser resumido a essa matriz de avaliação.

Avaliar os alunos é uma tarefa permanente dos professores. Mas, para que o professor possa escolher as estratégias e os instrumentos mais adequados para sua proposta, é importante ter em mente os objetivos e as habilidades a serem avaliados. Auxiliar nessa tarefa é a finalidade da *matriz de referência*.

Uma matriz de referência apresenta os conhecimentos e as competências que serão avaliados para orientar a elaboração das questões e outras estratégias de avaliação. Para a *Provinha Brasil*, foi selecionado um conjunto de habilidades consideradas essenciais ao desenvolvimento da alfabetização e do letramento. As competências, depois de enumeradas, foram organizadas em uma matriz. Através dela, os professores também podem compreender o que está sendo avaliado e a importância disso para o processo de aprendizagem de seus alunos.

A matriz de referência da *Provinha Brasil* (ver tabela) organiza as habilidades em quatro eixos: *Apropriação do sistema de escrita, Leitura, Escrita e Compreensão e valorização da cultura escrita (letramento)*. Cada um desses

eixos, por sua vez, é subdividido em *descritores*, que especificam as habilidades envolvidas em cada uma das competências mais amplas. O papel dos descritores, portanto, é detectar os pontos de maior ou menor dificuldade para os alunos, dentro de cada área. "Procuramos construir uma matriz de referência que contempleasse diferentes habilidades da alfabetização, desde as mais iniciais, como distinguir letras de outros sinais gráficos, até identificar uma informação escrita, quando, por exemplo, se faz uma inferência a partir do título", explica a pesquisadora do Ceale, Gladys Rocha.

A divisão da matriz de referência em eixos e descritores não significa que as habilidades devam ser entendidas de forma separada. Segundo a pesquisadora do Ceale, Delaine Cafiero, integrante da equipe de elaboração da *Provinha Brasil*, essa organização tem apenas função didática. "Não há uma hierarquia severa, a noção não é de uma capacidade que vem depois da outra, mas, sim, de uma rede. As habilidades são, às vezes, simultâneas, uma vai puxando a outra", esclarece Delaine Cafiero.

Matriz de Referência para Avaliação da Alfabetização e do Letramento Inicial

Eixo	Descritores de Habilidades
Apropriação do sistema de escrita	D1. Diferenciar letras de outros sinais gráficos, como os números, sinais de pontuação ou de outros sistemas de representação.
	D2. Identificar letras do alfabeto.
	D3. Reconhecer palavras como unidade gráfica.
	D4. Distinguir diferentes tipos de letras.
	D5. Identificar sílabas de palavras ouvidas e/ou lidas.
	D6. Identificar relações fonema/grafema (som/letra).
	D7. Ler palavras.
	D8. Localizar informação em textos.
	D9. Inferir informação.
	D10. Identificar assunto de um texto lido ou ouvido.
Leitura	D11. Antecipar assunto do texto com base em título, subtítulo, imagens.
	D12. Identificar a finalidade do texto pelo reconhecimento do suporte, do gênero e das características gráficas.
	D13. Reconhecer a ordem alfabética.
	D14. Estabelecer relações de continuidade temática.
Escrita	D15. Escrever palavras.
	D16. Escrever frases.
	D17. Escrever textos.*

* Por questões operacionais, o descritor D17 não foi contemplado na primeira edição da *Provinha*.

Competências avaliadas

Na elaboração da prova, optou-se por um maior número de questões que avaliam o nível de leitura das crianças. "Nas próximas avaliações, pensamos também em inserir mais habilidades relativas à escrita, sendo que essas capacidades exigirão um trabalho diferente, para que possa ser dada ao professor uma resposta sobre o que seus alunos sabem sobre a escrita", explica Delaine Cafiero. Essas diferenças se devem aos critérios de correção, que são mais objetivos quando se trata da leitura. Já para a escrita, como cada criança produzirá textos diferentes, essa avaliação teria critérios diferentes. "Cada tipo de

prova fornece um universo de possibilidades e não outras. Não é uma limitação, mas é algo inerente às avaliações", afirma Gladys Rocha.

Dentro dessas possibilidades, está a oportunidade que o professor tem para visualizar o desenvolvimento dos seus alunos quanto às capacidades descritas na matriz de referência. Com o teste, essas habilidades podem ser observadas de forma específica, favorecendo a identificação de dificuldades e permitindo ao professor modificar e ampliar as atividades relacionadas a esses pontos em sala de aula. Delaine Cafiero ressalta que, "no caso da *Provinha*

Brasil, foram escolhidas apenas algumas capacidades para compor a matriz de referência, mas elas fornecem um panorama interessante de como vai a alfabetização nas turmas avaliadas".

Já a utilização de itens de múltipla escolha possibilita distinguir, claramente, num conjunto de opções, aquela que se configura como a opção correta. Uma avaliação que contempleasse as diferentes hipóteses entre erro e acerto deveria ser construída de forma diferente, exigindo outros critérios de interpretação de resultados pelo professor.



Identificar o que o aluno sabe

Com o auxílio dos níveis de desempenho, é possível conhecer o estágio de alfabetização dos alunos e criar estratégias específicas para cada dificuldade (LIGOR LAJAS)

A *Provinha Brasil* ajuda a diagnosticar os diversos estágios de alfabetização que os alunos alcançaram no 2º ano do ensino fundamental. Para isso, essas crianças são agrupadas em níveis de acordo com o resultado obtido na avaliação. Esses níveis de desempenho (ou de proficiência) ajudam o professor a entender melhor quais capacidades a criança já adquiriu em seu processo de alfabetização e como ela está em relação ao restante da classe.

A construção dos níveis de desempenho utilizados na *Provinha Brasil* foi baseada no pré-teste (ver pág. 6). A partir da análise das respostas dos

alunos, as questões com maior índice de acerto foram consideradas mais fáceis e as com menor índice, mais difíceis. Desse modo, foi elaborada uma escala de desempenho, que ordena as competências referentes à leitura e escrita, em uma ordem progressiva. A escala é dividida em níveis, que englobam diversas habilidades. "Só é possível interpretar uma escala quando você a divide em níveis de proficiência, indo do mais básico ao mais avançado", afirma o especialista em avaliações de desempenho, Renato Júdice de Andrade.

Professor investigador

Uma das novas propostas da *Provinha Brasil* é a maior participação do professor, principalmente no processo de correção. Mais do que conferir os resultados, é importante analisar com atenção cada uma das avaliações. Isso evita, por exemplo, que uma criança seja classificada em um nível que não corresponda às suas reais competências por acertar um item ao acaso ou por errar alguma questão por nervosismo ou distração. "A postura do professor ao conferir os resultados deve ser de investigação", afirma a professora da FAE/UFMG e vice-diretora do Ceale, Maria Lúcia Castanheira. "A interpretação desses resultados é o que permite traçar um perfil da turma e orientar o trabalho do professor."

O ideal é que cada resposta seja analisada separada-

mente, para que o professor conheça melhor as dificuldades do aluno e possa compreender que lógica ou estratégia que ele utilizou para tentar acertar a questão. "Se temos, em um item de leitura, a figura de uma bicicleta e a criança marca a opção 'biscoito', ela não acertou a questão, mas está mais próxima da resposta correta do que uma criança que marcou 'picolé', exemplifica Renato Júdice. Nesse caso, o aluno que assinou 'biscoito', demonstra que, mesmo não tendo o domínio completo da leitura, pode reconhecer a letra "B" no começo da palavra. Contudo, ao tentar adivinhar (e não ler) o restante, ele pode marcar a resposta incorreta. Assim, o olhar atento do professor pode identificar esses detalhes e ajudá-lo a trabalhar mais precisamente as habilidades que

o aluno ainda não desenvolveu.

As três questões de escrita da *Provinha Brasil* reforçam essa análise. Se o item pede que o aluno escreva a palavra "sorvete" e ele escreve "sovete" ou "sorfete", por exemplo, é possível considerar que ele se aproximou bastante do acerto, apesar de não ter grafado a palavra corretamente. "Isso reforça o caráter diagnóstico da *Provinha*, que foi feita para que o professor investigue o que o aluno sabe", explica a pesquisadora do Ceale, Delaine Cafiero, especialista em avaliações. "É importante que ele perceba não só os acertos de seu aluno, mas também os erros para poder pensar em novas atividades para superar essas dificuldades."

Níveis da *Provinha*

A *Provinha Brasil* possui cinco níveis de proficiência que avaliam o desempenho dos alunos em 24 questões de múltipla escolha. O número de acertos da criança corresponde, em tese, a seu nível de desempenho. Os níveis são cumulativos: os alunos que estiverem no nível 3, por exemplo, já possuem os conhecimentos enquadrados nos níveis 1 e 2.

O primeiro nível da *Provinha* é o que avalia os conhecimentos mais básicos em relação ao sistema alfabético. Estão classificados aqui os alunos que acertarem até 13 questões da prova. Esses alunos ainda se encontram em estágios iniciais da alfabetização e conseguem identificar apenas alguns sons de letras ou de sílabas e reconhecem o traçado de poucas letras.

O nível 2 engloba os alunos que obtiveram de 14 a 17 acertos. As crianças nesse estágio apresentam um domínio um pouco maior da relação fonema-grafema, mostrando-se capazes de ler algumas palavras simples como "bola" e "panela". Palavras um pouco mais complexas, em que

há sílabas compostas por consoante/vogal/consoante ("porta", por exemplo), também já são propriamente decodificadas.

Os alunos que conseguem acertar entre 18 e 20 questões estão no nível 3. Eles apresentam poucas dificuldades no processo de leitura, conseguindo ler frases de sintaxe simples (sujeito + verbo + objeto). Nota-se, ainda, que essas crianças já demonstram a capacidade de ler silenciosamente e de contar quantas sílabas uma palavra possui. Elas também conseguem identificar a finalidade de alguns gêneros textuais, como convites e anúncios publicitários. Segundo Delaine Cafiero, nesse nível, os alunos apresentam um conhecimento mínimo satisfatório para o 2º ano do ensino fundamental. "Isso já é muito bom, pois elas conseguem codificar e decodificar palavras, mas é possível ir mais além."

No nível 4, o aluno é capaz de ler pequenos textos de 8 a 10 linhas com estruturas simples e vocabulário próximo

de seu cotidiano. Ele também consegue identificar qual é o assunto do texto e até antecipá-lo a partir do título. Além disso, a criança consegue apontar elementos estruturais da narrativa, como espaço, tempo e personagens. Encontram-se nesse nível aqueles que obtiveram de 21 a 22 acertos.

O quinto nível da *Provinha Brasil* abrange habilidades avançadas de alfabetização e letramento para o 2º ano do ensino fundamental. O principal salto do nível 4 para o 5 é a maior compreensão dos textos demonstrada pelos alunos, que já apresentam domínio pleno do sistema de escrita e do princípio alfabético. Crianças que conseguirem de 23 a 24 acertos encontram-se nesse nível e podem ser consideradas alfabetizadas. "Porém, esse é um período muito inicial do processo de alfabetização dos alunos", lembra Maria Lúcia Castanheira. "Mesmo alcançando o nível 5, elas ainda têm muito o que aprender em relação aos conhecimentos de leitura e escrita."



Novo olhar sobre

A diretora Regina Célia de Abreu Gomes está preocupada com o desempenho dos alunos de sua escola, que faz parte da rede municipal de Belo Horizonte (MG). No ano passado, os resultados das avaliações em larga escala de que a escola participou mostraram, em números, um problema que os professores há muito percebiam: as crianças não estavam sendo alfabetizadas nas séries iniciais. "É comum percebermos alunos de 3º ano com o 'perfil' de 1º ano", comenta. No entanto, a escola já conta com um instrumento que pode ajudar seus professores a reconhecer as dificuldades das crianças e tentar superar essas defasagens: a *Provinha Brasil*, avaliação diagnóstica da leitura e da escrita que, desde abril, está sendo aplicada em redes de ensino de todo o país. "A proposta é trabalhar o ano inteiro para superar os problemas detectados a partir da *Provinha*", planeja a diretora. "Queremos poder dizer um dia que as crianças alcançaram o nível de alfabetização esperado na sua etapa de aprendizagem."

Nova modalidade de avaliação

Com a finalidade principal de apoiar o trabalho do professor, a *Provinha Brasil* se diferencia de outras avaliações da educação no Brasil, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e a *Prova Brasil*. Nesses testes, o objetivo é acompanhar o desenvolvimento dos sistemas de ensino, com a observação do desempenho no âmbito das escolas, municípios e estados. Para o diretor de Avaliação da Educação Básica do Inep, Amury Gremaud, essas avaliações "são importantes para dar a ideia de como funcionam os sistemas, mas não permitem o uso direto pelo professor". Além disso, esse tipo de monitoramento tem sido criticado por não atender, de forma direta, a sua finalidade principal: servir de base para a reformulação de políticas públicas, ficando comumente restrito à divulgação de *rankings* de escolas e redes. "Estão servindo muito mais para indicar responsáveis e reiterar deficiências do ensino do que propriamente para subsidiar sua melhoria", afirma Sandra Zákia Sousa, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e especialista em políticas de avaliação.

Proposta como uma avaliação diagnóstica, a *Provinha Brasil* se distingue dessas outras avaliações externas pela proposta de atender diretamente ao professor. Seu formato possibilita identificar os diferentes estágios de domínio da leitura e da escrita em que os alunos se encontram. O *Guia de Correção e Interpretação dos Resultados*, que compõe o *kit*, aponta cinco níveis de aprendizagem em que a criança pode ser classificada, de acordo com seu número de acertos. Na análise dos resultados, deve haver atenção tanto aos níveis alcançados quanto às dificuldades específicas demonstradas, o que permite adequar as estratégias de ensino às necessidades de cada aluno. "É um instrumento principalmente de formação de professores. A partir da avaliação dos seus

A *Provinha Brasil* é uma iniciativa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e do Ministério da Educação (MEC) que objetiva se aliar a uma das metas do Plano de Desenvolvimento da Educação: a de alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade. A convite do Inep, o Ceale foi responsável por elaborar o instrumento, contando com a colaboração de outros centros da área de alfabetização e linguagem que compõem a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica do MEC.

Seu objetivo é medir as habilidades de leitura e escrita de crianças no segundo ano do ensino fundamental e identificar os níveis de alfabetização em que elas se encontram. A proposta é que a avaliação seja aplicada em dois momentos: no início e no fim do ano letivo. Com a segunda aplicação, será possível conferir se as metas estabelecidas no início do ano, a partir do diagnóstico, foram alcançadas.

alunos, o professor pode refletir sobre sua prática e transformá-la", explica a secretária de Educação Básica do MEC, Maria do Pilar Lacerda.

Nessa primeira edição, a *Provinha Brasil* é composta por 24 itens de múltipla escolha e três questões de escrita. Alguns itens devem ser lidos pelo professor e testam conhecimentos mais básicos da apropriação do sistema de escrita. Outros possuem textos para serem lidos pela própria criança, sem a ajuda do professor, aferindo suas habilidades de leitura. As três questões finais demandam a escrita de duas palavras e de uma frase.

Para que a *Provinha* se concretize como instrumento pedagógico, é importante que o professor entenda os subsídios que uma avaliação diagnóstica pode lhe fornecer. Para a diretora do Ceale, Francisca Maciel, "uma das grandes novidades dessa avaliação é que o professor tem acesso a tudo: aos pressupostos, à matriz de referência, à análise dos resultados, e não somente ao instrumento". Nesse aspecto, a leitura dos documentos que compõem o *kit* é fundamental para que o professor possa interpretar e utilizar os resultados.

Segundo a diretora de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologias da Secretaria de Educação Básica do MEC, Jeanete Beauchamp, a socialização dos resultados é outro fator importante para uma boa utilização da *Provinha*. "Uma análise coletiva dos resultados, em cada escola e em cada sistema, contribui para que o professor investigue e compreenda a natureza dos problemas expressos na avaliação", afirma. Ela ainda defende que essa socialização deve se estender às famílias, para que elas possam acompanhar se as dificuldades apresentadas pelos filhos estão sendo corrigidas ao longo do ano letivo.

PRE-TESTE

Para orientar a produção da escala de proficiência da *Provinha Brasil*, o Inep realizou um pré-teste no final de 2007. Participaram dessa etapa cerca de 20 mil alunos de 12 estados espalhados pelos cinco regiões brasileiras; a maioria com idade entre 6 e 8 anos.

Os 340 itens pré-testados foram classificados em diferentes graus de dificuldade de acordo com a quantidade de acertos apontados em cada um. Essa checagem foi combinada com uma análise pedagógica da equipe de elaboração da *Provinha*, o que permitiu a definição dos

itens mais fáceis e mais difíceis dentro de uma mesma habilidade.

Construída essa escala, foram selecionadas as 24 questões de múltipla escolha que compõem o caderno do aluno. As três questões de escrita da *Provinha Brasil* não fazem parte dessa escala.

Estados e municípios aderem à *Provinha Brasil* e têm como desafio compreender essa nova avaliação diagnóstica, que propõe mais autonomia para o professor e para as redes de ensino (ANDREA SOUZA E VICENTE CARDOSO JUNIOR)

a alfabetização

Aplicação descentralizada

A participação na *Provinha Brasil* é voluntária e acontece pela adesão das redes de ensino estaduais e municipais. Os modelos da prova e do material de apoio, que compõem o *kit* da avaliação, estão disponíveis gratuitamente no site da *Provinha* (provinhabrasil.inep.gov.br). Os custos de reprodução do material ficam a cargo das redes. Entretanto, os 3.133 municípios de pior desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) estão recebendo todo o material impresso diretamente do MEC.

Segundo dados do Inep, até maio deste ano, aproximadamente 2.900 municípios haviam acessado o *kit*. Mas ainda não é possível estimar o total de adesões, já que alguns municípios têm obtido o material por meio das secretarias estaduais ou da parceria com outras entidades, como a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime).

Segundo o *Passo a Passo da Provinha Brasil*, a avaliação pode ser aplicada por outras pessoas que não sejam o professor da turma, como coordenadores pedagógicos de outras escolas. No entanto, recomenda-se que o próprio professor esteja com seus alunos no momento em que eles respondem a *Provinha*, de modo a ter um contato direto com o desempenho demonstrado por eles. Essa aproximação entre o professor e sua turma durante a aplicação reforça o caráter formador dessa avaliação, já que seu objetivo é "provocar uma discussão da prática pedagógica entre os professores", como afirma Maria do Pilar Lacerda, do MEC.

A autonomia dos gestores na adesão tem promovido uma diversificação das formas de aplicação e uso da *Provinha*. No Ceará, ela foi integrada a um projeto desenvolvido pela Secretaria de Educação Básica do Estado, em parceria com os 184 municípios: o Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC). O estado já conta com um sistema próprio de avaliação e optou pela aplicação da *Provinha* com a elaboração de duas questões complementares. "Tivemos essa necessidade para cobrir maior parte dos nossos descritores do eixo de escrita", afirma Aléssio Costa Lima, orientador da Célula de Avaliação do Desempenho da Secretaria. Também foi produzido um encarte complementar de orientação sobre as duas questões adicionadas, tudo distribuído com o *kit* da *Provinha*.

Nos municípios cearenses, a *Provinha* foi inserida na lógica dos testes promovidos regularmente pelo PAIC: membros das equipes de supervisão das secretarias municipais aplicaram a avaliação, com o professor da turma em sala, acompanhando-a. A correção também caberá a essas equipes e os resultados serão repassados à secretaria, mas também retornam para o professor. Para Aléssio Lima, desse modo, a *Provinha* tanto cumpre seu objetivo inicial, de

fornecer subsídios para o planejamento do professor, quanto oferece uma visão do sistema, importante para a elaboração das políticas públicas. "Nós vamos gerar também um diagnóstico para o gestor", afirma.

O levantamento dos resultados da *Provinha Brasil* também está sendo planejado pela Undime, que pretende criar um banco de dados nacional, detalhado por municípios, para eventuais consultas pelos gestores. Para a presidente da Undime, Justina Iva, a alternativa é importante "para que esses dados não sejam desperdiçados, até no que, com as eleições, deve haver uma grande renovação de dirigentes municipais no próximo ano".

Em Belo Horizonte, a *Provinha* foi aplicada também para o terceiro ano do ensino fundamental. Segundo a coordenadora do Núcleo de Alfabetização e Letramento da Secretaria Municipal de Educação, Adriana Cunha, os alunos dessas turmas demonstraram, de uma maneira geral, facilidade na resolução da *Provinha* e o que se fez indicio de que a avaliação está bem adaptada aos alunos da etapa anterior, para os quais foi elaborada. "O importante, a partir de agora, é fazer uma discussão com as escolas de que existe a necessidade, nos anos finais do primeiro ciclo, de um trabalho para além dessas capacidades medidas na *Provinha*", afirma.

Na rede municipal de Lagoa Santa (MG), a Secretaria Municipal de Educação preparou um projeto de orientação sobre a *Provinha Brasil* para as professoras. Em vários encontros, foram discutidos os objetivos da avaliação e as possibilidades que ela oferece, além de reuniões para auxiliar na análise dos resultados. Com esse tipo de apoio, a tendência é a de que o professor compreenda a contribuição da *Provinha* para o seu trabalho, sem o receio de que esses resultados sejam usados para punir por um eventual fraco desempenho de sua turma. A professora da Escola Municipal Dona Maruças, Eliana Pereira Araújo, diz que as reuniões com educadores e representantes do Secretaria têm sido essenciais para ela saber utilizar a *Provinha* após sua aplicação. "Não adianta nada detectar o problema e não trabalhar em cima dele."

Para Maria do Pilar Lacerda, do MEC, apesar da diversidade de usos, gestores e professores têm compreendido a proposta pedagógica da *Provinha*. Segundo ela, agora é preciso fortalecer o processo de formação. "Precisamos de professores com uma formação cada vez mais aprofundada para que o processo de alfabetização seja sólido. Temos clareza de que não há um bom estudante que não tenha passado por uma alfabetização bem-feita e acreditamos que a *Provinha Brasil* pode nos ajudar muito a alcançar isso."

Apio para o professor

"Esta foi desde o início a concepção da *Provinha Brasil*: que ela servisse como um instrumento a favor do aluno e a favor do professor." As palavras da diretora do Ceale, Francisca Maciel, deixam claro que um dos principais objetivos da avaliação é ser um ponto de partida para uma maior reflexão do professor sobre seu próprio trabalho.

O *kit* da *Provinha*, além de trazer o caderno do aluno, apresenta documentos que procuram esclarecer o caráter formativo dessa proposta. O professor tem acesso às metodologias, à matriz de referência usada na elaboração do teste e ainda a um material de orientação sobre o uso

da avaliação, buscando discutir as ações que podem dar suporte ao trabalho do alfabetizador após o diagnóstico.

No entanto, para Cláudio Albuquerque, professor e coordenador da linha de pesquisa em avaliação educacional da Universidade Federal do Ceará e colaborador na elaboração da *Provinha*, é preciso um esforço ainda maior das redes de ensino para transformar essa nova avaliação em um instrumento de formação. Segundo ele, é importante que haja um apoio das secretarias às escolas, a fim de articular melhor os resultados da avaliação com as ações a serem planejadas a partir desse diagnóstico.

"O acompanhamento dos gestores é essencial nesse processo", comenta.

Para a professora Deborah Saib, do 2º ano da Escola Municipal Jardim Felicidade, em Belo Horizonte, os educadores devem aproveitar esse instrumento, do qual participam ativamente, para reunir ainda mais informações sobre o aprendizado da turma. "Para avaliar meus alunos, só a minha visão não é suficiente. Por isso é importante articular o diagnóstico das avaliações que eu faço em sala de aula com o diagnóstico que a *Provinha* vai me dar, para que eu tenha uma visão mais completa da turma."

Questões | Entender o que é avaliado em cada item permite um diagnóstico mais aprofundado dos alunos. Confira alguns exemplos.

comentadas

As 27 questões que compõem a *Provinha Brasil* pretendem medir habilidades relacionadas à apropriação do sistema alfabético pelas crianças e aos usos da escrita. As capacidades diagnosticadas na avaliação podem variar desde o reconhecimento de letras ou sílabas até a escrita de palavras. Mas, embora cada item esteja focado sobre uma habilidade específica, não é possível medir essas capacidades isoladamente. Isso porque a alfabetização e o letramento são entendidos como "processos complementares e indissociáveis". "Em cada item, procuramos manter os textos do modo como eles aparecem na vida social. Ao fazer isso, embora uma questão esteja medindo a

habilidade de leitura, por exemplo, não se desconsideram questões próprias do letramento, das práticas sociais em torno da palavra escrita", explica a pesquisadora Gladys Rocha, uma das elaboradoras da *Provinha*.

Os itens da *Provinha Brasil* são organizados por níveis de dificuldade, definidos a partir da análise pedagógica e estatística dos resultados do pré-teste. As questões - 24 de múltipla escolha e três abertas - são bastante diferenciadas quanto às intervenções do aplicador. Em algumas, o professor lê as instruções, em outras os alunos lêem tudo sozinhos. Isso permite que o teste seja feito por crianças de diferentes fases de aprendizagem.

Questão 02

Pág. 14 do Caderno do Aplicador

Gabarito

A resposta correta é a opção **B**.

O que esta questão avalia?
Esta questão avalia a capacidade de reconhecer suportes de textos de ampla circulação social. Verifica se o aluno é capaz de distinguir, entre as capas de quatro suportes diferentes, qual delas é um jornal. Essa capacidade relaciona-se ao letramento dos alunos.

Questão: 2 Nota: 0,25/0,25

Professora(a)/Aluno(a): *Insira aqui seu nome SOBRENTE à instrução em que aparece o questionário. Preencha a ficha de identificação, assim como:*

☞ **Vá em frente e faça um X no quadrinho onde está escrito JORNAL.**



(A) (B)

(C) (D)

Questão 07

Pág. 19 do Caderno do Aplicador

Gabarito

A resposta correta é a opção **C**.

O que esta questão avalia?
Esta questão avalia a capacidade de ler silenciosamente palavra trissílaba com padrões silábicos diferenciados: vogal/sílabas canônicas (consoante/vogal, ex.: na) e não canônicas (consoante/consoante/vogal, ex.: nha). Caso a habilidade de decodificação ainda não esteja evidenciada, podem ocorrer conflitos com outras palavras apresentadas, pela semelhança entre sílabas iniciais ou finais.

Questão: 7 Nota: 0,25/0,25

Professora(a)/Aluno(a): *Insira aqui seu nome SOBRENTE à instrução em que aparece o questionário. Preencha a ficha de identificação, assim como:*

☞ **Faça um X no quadrinho onde está escrita ARANHA.**



(A) ARADO
 (B) ARANHA
 (C) RANHA
 (D) RALADO

Questão 13

Pág. 25 do Caderno do Aplicador

Gabarito

A resposta correta é a opção **A**.

O que esta questão avalia?
Esta questão avalia a capacidade de identificar a finalidade de um texto. O aluno deve reconhecer o gênero convite e indicar para que ele serve. Para isso, pode apoiar-se, por exemplo, na imagem e na estrutura do texto, que destaca data, local e outros componentes específicos desse gênero.

Questão: 13 Nota: 0,25/0,25

Professora(a)/Aluno(a): *Insira aqui seu nome SOBRENTE às INSTRUÇÕES em que aparece o questionário. Preencha a ficha de identificação, assim como:*

☞ **Lê o texto silenciosamente. Quando tiver terminado de ler, eu vou ler com você.**



☞ **ESSE TEXTO SERVE PARA**

(A) CONVIDAR PARA UM ANIVERSÁRIO.
 (B) CONVIDAR PARA JOGAR BOLA.
 (C) FAZER UMA PROPAGANDA.
 (D) FAZER UMA RECEITA DE BICHO.

Questão 20

Pág. 32 do Caderno do Aplicador

Gabarito

A resposta correta é a opção **B**.

O que esta questão avalia?
Esta é uma questão que avalia a capacidade de localizar informação em uma única frase, de padrão sintático complexo, por se tratar de um período composto. A leitura pressupõe autonomia do aluno para a compreensão global do texto e das instruções. Apesar desse nível de exigência, a informação a ser localizada encontra-se explícita, como o complemento direto do verbo destacado na questão.

Questão: 20 Nota: 0,25/0,25

Professora(a)/Aluno(a): *Insira aqui seu nome SOBRENTE às INSTRUÇÕES, e depois responda à pergunta. Não leia em voz alta e não mostre a resposta aos colegas. Marque somente uma opção.*

☞ **Agora você vai ler o texto silenciosamente e depois responder à pergunta. Não leia em voz alta e não mostre a resposta aos colegas. Marque somente uma opção para responder.**

OS MENINOS QUE MORAM NA BEIRA DOS RIOS FAZEM MUITOS BARQUINHOS COM CANOAS DE COCO. PRONTO DE BARROS, GORRÃO E ATÉ DE CHINELLO DE BORRACHA PARA BRINCAR.

☞ **QUE OS MENINOS FAZEM?**

(A) AVIOZINHOS.
 (B) BARQUINHOS.
 (C) CARRINHOS.
 (D) TREZINHOS



Reflexos na prática

Apurados os resultados da *Provinha Brasil*, chega o momento de propor atividades que desenvolvam o aprendizado dos alunos

(FLÁVIA MORAES)

Os resultados da *Provinha Brasil* são um instrumento importante para a escola. É a partir dessas informações e dos diagnósticos que já realiza em sala de aula, que o professor pode planejar sua prática e definir estratégias para, ao longo do ano, aprimorar as habilidades das crianças em leitura e escrita. Para que isso aconteça, entretanto, é preciso compreender o papel dessa avaliação dentro de uma prática pedagógica mais ampla. "Os resultados das avaliações devem ser entendidos como parte de um processo em que os alunos demonstram algo do que foi vivido em sala de aula, e não como um resultado final", explica a pesquisadora do Ceale e professora da rede municipal de Belo Horizonte (MG), Kely Cristina Nogueira.

Para a professora emérita da FaE/UFMG Magda Soares a vantagem da *Provinha Brasil* é justamente mostrar os problemas que precisam ser trabalhados em sala de aula, favorecendo a elaboração de ações. "A *Provinha* mede diferentes habilidades, de modo que essas ações são diferentes também, de acordo com as dificuldades", afirma. Essa avaliação tem um caráter formativo, porque oferece ao professor parâmetros para que ele observe o aprendizado da turma. "O professor

pode, então, com a diversidade de questões propostas pelo teste, avaliar aquilo que julgava que o aluno sabia ou não", explica a formadora do Ceale e integrante da equipe que elaborou a *Provinha Brasil*, Maria José Francisco. A *Provinha* mostra pontos que precisam ser reforçados em sala de aula relativos a algumas habilidades que são, quase sempre, pontos de dificuldade para toda a turma. "A maioria dos problemas são gerais na sala, mas há, sem dúvidas, problemas que são individuais ou de um pequeno grupo de alunos", ressalta Magda Soares.

Se o professor pode, por um lado, tomar os resultados da *Provinha* como parâmetro para sua prática, por outro, ele não deve resumir seu trabalho aos eixos e descritores propostos. A melhor forma para conhecer e ampliar capacidades de alfabetização e letramento de seus alunos é, ainda, promover o contato com objetos de leitura e escrita, como livros, dicionários e jornais diversos. "A criança se alfabetiza para ler o que está circulando na sociedade, e esses materiais têm que estar acessíveis para ela como um instrumento básico da alfabetização", afirma Magda Soares. Bons níveis de desempenho nas avaliações internas e externas virão como consequência desse trabalho.

Dentro e fora da escola

Os professores corrigem as provas e identificam o perfil das turmas. Depois disso, é importante que cada educador reserve momentos para dividir experiências com seus colegas, diretores e coordenadores da escola. "É necessária uma discussão dos resultados e uma definição, em conjunto, das linhas de ação de como enfrentar as dificuldades. Não é algo somente para o professor, as causas dos problemas ultrapassam a responsabilidade dele", explica Magda Soares.

Fatores externos à sala de aula, como as condições sócio-econômicas e a estrutura familiar, podem interferir no aprendizado das crianças, destacando-

se a necessidade de um trabalho sério por parte da escola. Segundo Maria José Francisco, essas condições influenciam as atividades do professor, mas não determinam o fracasso do aluno. "Grande parte das crianças da rede pública só tem maior contato com os textos na escola", aponta. Por isso, uma biblioteca com bons livros favorece o desenvolvimento das capacidades apontadas não somente pela *Provinha*, mas também pela matriz curricular.

Ainda que seja importante o papel da escola, o envolvimento dos pais com o aprendizado de seus filhos também é um fator incentivador para as crianças. Os

resultados da *Provinha Brasil*, por exemplo, podem ser compartilhados com as famílias. Para Maria José Francisco, quando a escola costuma mostrar aos pais metas e o que foi alcançado, esse trabalho fica mais fácil. "É importante que a escola faça esse trabalho de divulgação, e os resultados da *Provinha* podem confirmar aquilo que o professor já vem dizendo aos pais", explica.

TRABALHANDO DIFICULDADES Cada turma tem características específicas que influenciam as ações do professor em sala de aula. Veja algumas sugestões de atividades para cada nível de desempenho da *Provinha*:

Nível 1 - Estágio muito inicial de aprendizagem da escrita. É necessário incentivar a apropriação do sistema de escrita pela criança. Os professores devem ler textos diversos e trabalhar relações fonema-grafema (som-letra) através de rimas, comparação entre palavras ouvidas e escritas, formação de novas palavras por acréscimo-subtração de sons etc.

Nível 2 - O sistema de escrita e conhecido e utilizado, mas o aluno apresenta dificuldades na leitura de palavras com ortografia mais complexa. O professor deve incentivar o uso do dicionário e utilizar jogos ortográficos - palavras cruzadas, caça-palavras, charadas - assim como favorecer o contato com outros gêneros textuais: bilhetes, convites, cartas.

Nível 3 - A capacidade de ler palavras com vários tipos de estrutura silábica esta desenvolvida e os alunos já lêem pequenos textos. Deve ser intensificado o trabalho com outros gêneros, tais como contos, poemas e histórias em quadrinhos. A entonação de leitura também deve ser trabalhada com recitações de poesias, interpretações cênicas e leitura em voz alta.

Nível 4 - Alunos nesse nível já localizam informações em textos e realizam algumas inferências. Considera-se, então, que estão alfabetizados. A partir daí, o professor deve trabalhar para ampliar as capacidades do letramento, utilizando textos variados e de estrutura mais complexa que circulem em diferentes contextos sociais.

Nível 5 - Avanço expressivo no processo de alfabetização e letramento inicial. O professor deve continuar trabalhando para expandir as capacidades do aluno.



Avaliar é um

O Ceale foi responsável pela coordenação pedagógica dessa avaliação e teve como principal desafio aliar o diagnóstico da alfabetização das crianças a uma proposta de formação do professor.

Uma avaliação a favor do professor e do aluno: essa concepção orientou a elaboração, por um ano e meio, da *Provinha Brasil*. Iniciativa do Ministério da Educação, a *Provinha* foi produzida em parceria com instituições de ensino e pesquisa do país.

processo

Desta entrevista coletiva, participaram alguns dos pesquisadores envolvidos diretamente nesse processo: Francisca Izabel Pereira Maciel, diretora do Ceale; Ceris Ribas, Isabel Frade, Maria das Graças Bregunci e Zélia Versiani, professoras da Faculdade de Educação da UFMG e pesquisadoras do Ceale; Kely Cristina Nogueira e Raquel Fontes Martins, pesquisadoras e colaboradoras do Ceale. Elas falam do trabalho de elaboração da *Provinha* e destacam que o novo teste traz avanços para a cultura sobre avaliação no país, mas alertam que ainda é cedo para apontar seus efeitos nas escolas e redes de ensino. "Também estamos nesse processo de construção." Confira. (DANIELA MENCINA)

Como o Ceale recebeu a proposta de produzir uma avaliação de leitura e escrita em escala nacional que pudesse ser aplicada às diferentes realidades educacionais do país?

• **FRANCISCA MACIEL** • Foi uma proposta e, ao mesmo tempo, um desafio. Pensar uma avaliação que fosse aplicada em larga escala e que contemplasse toda essa diversidade brasileira, nos diferentes "brasis", foi algo muito desafiador e repercutiu nas discussões sobre a elaboração das questões e na escolha do formato e da

linguagem que iríamos utilizar. Tudo isso foi muito pensado, indagado, pesquisado. Não sei se cumprimos esse objetivo, mas acho que foi um avanço. Entendemos a avaliação como um processo e nós, aqui no Ceale, também estamos nesse processo de construção e buscamos nos aprimorar e avançar nessa área.

• **CERIS RIBAS** • Uma preocupação que fez parte da nossa discussão, desde o início, foi fazer com que o instrumento tivesse uma dimensão formadora para o professor. O objetivo é fazer com que o professor compreenda o desempenho das crianças e, ao mesmo tempo, tenha elementos para refletir sobre o seu próprio trabalho. Então, em momento posterior, precisamos acompanhar como o professor tem se apropriado desses resultados e de que forma isso orienta ou não, contribui ou não, para o trabalho dele.

A *Provinha Brasil* é uma proposta de avaliação diagnóstica mais próxima do cotidiano da sala de aula. O que ela pode acrescentar à avaliação interna, que o professor já realiza em sua rotina com os alunos?

• **ISABEL FRADE** • Essa avaliação, em um primeiro momento, pode gerar um estranhamento por ainda ser uma avaliação vinda de fora da escola. Mas esse olhar externo também é importante. Na didática da alfabetização dos últimos anos, temos intensificado muito a importância do contexto local para as práticas pedagógicas, incluindo as formas de avaliação, como se só fosse possível uma didática estritamente determinada pelo contexto. O olhar externo pode produzir bons questionamentos em relação ao que está sendo visto em sala de aula. O professor precisa refletir sobre isso e entender a *Provinha Brasil* como um instrumento que serve, não para julgá-lo, mas para contribuir para sua prática.

• **KELY NOGUEIRA** • Como professora da rede municipal, percebo a necessidade desse instrumento. Vai ser uma referência muito importante porque o professor costuma trabalhar sempre com um parâmetro muito individual de avaliação. Quando chega um material externo como esse, seu trabalho pode ser muito enriquecido. Como consequência, acho que o professor vai se preocupar em dar um outro tipo de avaliação a seus alunos. Mas é preciso que o professor compreenda o que está por trás desse modelo de prova, para que não o repita, mas tente adaptá-lo à realidade de sua turma.

• **GRAÇA BREGUNCI** • A *Provinha* é uma avaliação de larga escala, mas com o diferencial de agregar o olhar de fora ao olhar de dentro. É um instrumento que permite ao professor a apropriação dos resultados de uma avaliação diagnóstica em uma dimensão, ao mesmo tempo, coletiva e individual, investigando as dificuldades pontuais de aprendizagem. Permite que o professor tenha essa visão de replanejar internamente o seu projeto de trabalho e não ficar apenas naquele temor do *ranking*. Então, é uma oportunidade de avançarmos na cultura da avaliação.



KELY NOGUEIRA SOUTO - É professora da rede municipal de Belo Horizonte e doutoranda em Educação pela FAE/UFMG

MARIA DAS GRACAS BREGUNCI - Pesquisadora do Ceale e professora da FAE/UFMG e formadora de professoras



RAQUEL FONTES MARTINS - Doutora e mestre em Linguística, trabalha nos programas de formação de professores do Ceale



CERES RIBAS - Doutora em Educação e professora da FAE e pesquisadora do Ceale onde coordena o programa de formação de professores Pós-Licenciamento



FRANCISCA MACIEL - Doutora em Educação, professora da FAE/UFMG e diretora do Ceale



ZELIA VERSIANI - Professora da FAE/UFMG e formada em Letras, mestre em Estudos Literários e doutora em Educação. É coordenadora institucional dos cursos de formação do Ceale



ISABEL FRAIDE - Doutora em Educação, professora da FAE/UFMG, pesquisadora e coordenadora pedagógica de formação continuada do Ceale

Se, por um lado, a *Provinha* pode enriquecer a avaliação do professor, por outro, ela também tem limites, certo?

* **FRANCISCA MACIEL** * Temos que deixar claro que a *Provinha*, como toda avaliação, é limitada. Por vários aspectos. Uma limitação decorre do fato de que muitos elementos envolvidos no processo de alfabetização, como, por exemplo, a oralidade, não são passíveis de serem avaliados em um instrumento [prova] dessa natureza. Outro aspecto é que esse instrumento permite avaliar melhor as habilidades de leitura: são poucas as habilidades de escrita contempladas na *Provinha*. Por fim, mesmo ao relacionarmos os descritores de habilidades de leitura numa matriz de referência, não é possível contemplar todas aquelas capacidades que são desenvolvidas na sala de aula. Isto é, uma matriz de referência é diferente de uma matriz de ensino.

* **ISABEL FRAIDE** * Os resultados de uma avaliação diagnóstica não podem servir para qualquer preconceito ou segregação e devem ser sistematicamente relacionados às características dos grupos, comunidades e culturas e às condições sociais e escolares nas quais o ensino da escrita ocorre. Esses resultados não podem ser mais importantes do que o conhecimento que o professor tem da trajetória dos alunos. E, quando se fala em não considerar a *Provinha* como um modelo, isso é importante para evitar que ela seja tomada como referência única para a criação de materiais didáticos ou, mesmo, para que professores se preocupem em treinar alunos para esse tipo de teste. A avaliação não é um fim.

* **ZELIA VERSIANI** * É importante entender a diferença entre uma matriz de ensino e uma matriz de referência. Quando o professor se debruça sobre os resultados da *Provinha*, para analisar e interpretar o desempenho de seus alunos, é preciso que ele faça uma distinção entre a avaliação que já faz na sala de aula, a partir do que trabalha com os alunos (conteúdo), e essa outra avaliação, que é capaz de fazer um diagnóstico coletivo bem interessante. Não se deve partir do pressuposto de que a avaliação que a professora faz, no decorrer do ano, com seus alunos seja equivalente à *Provinha*. São momentos diferentes.

Quando se fala de avaliações, uma crítica recorrente diz respeito às limitações de uma situação de prova, em que os alunos sabem que estão sendo testados. Como isso foi pensado para a elaboração da *Provinha Brasil*?

* **GRAÇA BREGUNCI** * A cultura de avaliação na escola está muito impregnada desse temor. Mesmo usando eufemismos como "provinha" ou "exercício", não se tira esse caráter de teste, mas isso pode ser atenuado com a conduta do professor e com a frequência com que os alunos são expostos a esse tipo de avaliação diagnóstica. Aos poucos, esse processo se naturaliza. Então, é importante o preparo do professor.

* **FRANCISCA MACIEL** * Nos acompanhamentos que temos feito da aplicação, percebemos que as crianças estão tranquilas em relação a essa prova. Mas, se o professor não se prepara adequadamente com a leitura dos documentos e não conhece a proposta da *Provinha* ou, ainda, se as secretarias municipais ou estaduais pretendem fazer usos que não correspondem a nossa proposta, isso tudo influencia negativamente os alunos.

* **RAQUEL MARTINS** * Isso tem muito a ver com a orientação que o professor passa para os alunos. Na aplicação que acompanhei, a professora teve uma conduta muito interessante. Disse que a prova era um desafio e que não valia nota. Com isso, os alunos fizeram a prova entusiasmados.

O que vocês esperam que a *Provinha* possa alcançar?

* **FRANCISCA MACIEL** * Nós temos a esperança de que a *Provinha* seja o primeiro instrumento que vá tentar mudar essa cultura de avaliação: o foco é o diagnóstico para o

professor. O que buscamos criar foi uma avaliação a favor do aluno e a favor do professor. Se isso não acontecer agora, pode acontecer em uma outra edição da *Provinha*: é

importante defender um novo entendimento sobre o papel da avaliação externa.



Na Provinha

Entenda alguns termos envolvidos na concepção da *Provinha Brasil* e citados em seus documentos oficiais

Brasil

Avaliação Diagnóstica



Aplicada geralmente no início de uma etapa de aprendizagem para verificar as habilidades ou conhecimentos que os alunos já possuem, é uma avaliação pedagógica e não punitiva. Seu propósito não é contabilizar acertos e erros, mas, sim, permitir que o professor identifique distintas faixas de desenvolvimento. A realização de um diagnóstico em diferentes etapas da aprendizagem permite a adequação das estratégias de ensino às necessidades de cada aluno. A *Provinha Brasil* é uma avaliação diagnóstica de aspectos da *alfabetização* e do *letramento*.

Alfabetização



Processo de apropriação da tecnologia da escrita pela criança. Essa tecnologia consiste em um conjunto de técnicas, processos, instrumentos que constituem o sistema de escrita: representação de fonemas, por letras ou grafemas; sinais gráficos; instrumentos e equipamentos para escrever e/ou para ler; suportes de escrita; convenções para uso do suporte (a direção da escrita de cima para baixo, da esquerda para a direita; disposição do texto na página, de título, de notas de rodapé; indicação de parágrafo etc.).

Letramento



Processo de desenvolvimento de habilidades e conhecimentos necessários para uma participação competente nas práticas sociais que envolvem a língua escrita: ler e escrever diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores.

Proficiência



Competência ou capacidade que um aluno pode adquirir para o desempenho em um determinado tipo de conhecimento. Ela é mensurada a partir dos traços latentes (habilidades não observáveis diretamente como, por exemplo, introversão/extroversão e competência cognitiva relativa a alguma área do conhecimento), caso esse aluno apresente capacidade ou competência para resolver determinados problemas dos ramos do conhecimento humano. No caso da *Provinha Brasil*, é medida a proficiência em leitura e escrita de alunos com um ano de escolaridade.

Escala de proficiência



É uma escala que representa a competência do aluno em um *continuum* de valores. A sua interpretação permite relacionar medidas de proficiência em diagnósticos qualitativos do desempenho escolar. A escala é estável e, assim, possibilita identificar as competências que o aluno já possui, as que ele está adquirindo no momento e as que ainda precisam ou podem ser alcançadas. A escala de proficiência da *Provinha Brasil* foi elaborada a partir de um pré-teste que definiu quais as habilidades seriam avaliadas nos itens da prova.

Item



É a unidade de medida do teste de proficiência escolar e está associado a um único *descriptor da matriz de referência* (ver pág.4). É proposto ao aluno para obter sua resposta com o objetivo de diagnosticar, dessa forma, o seu nível de entendimento e/ou sua capacidade de resolução de determinadas tarefas ou grupos de tarefas formuladas nos cadernos de teste de medida de proficiência. Os itens na *Provinha Brasil* são de múltipla escolha ou abertos, no caso de tarefas de escrita de palavras.

Termos elaborados com a colaboração de TUFU MACHADO SOARES e JULIMAR CONSTÂNCIO, respectivamente, coordenador de Pesquisa e analista de dados do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAE/UFJF)

Aplicação da *Provinha Brasil* na Escola Municipal Jardim Felicidade em Belo Horizonte.     ponto de partida para mudanças

O jornal *Letra* é a sua edição do Núcleo Nacional de Centros de Formação Continuada do Ministério da Educação

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA | MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO | SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA | DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

COORDENADORIA GERAL DE POLÍTICA DE FORMAÇÃO



Foto: JEFFERSON